

# MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SABERES DE VIDA NA TESSITURA DE CORA CORALINA E DAS MULHERES IDOSAS DA COMUNIDADE BREJOS DOS AGUIAR/IBICOARA-BA: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO

Marisela Pi Rocha<sup>1</sup>

Jailma do Santos Pedreira Moreira<sup>2</sup>

*Resumo:* O presente artigo buscou refletir sobre as memórias, histórias e os saberes apresentados tanto por Cora Coralina em sua produção literária, como pelas mulheres idosas, da comunidade de Ibicoara (BA). Nesse sentido, interessou-nos observar a noção de saberes, de sabedoria que é construído, bem como os condicionamentos, marcados por categorias como gênero e geração, que perpassam as vidas dessas mulheres, e as formas criativas que inventam para resistirem e reexistirem às formas de subalternização, as pedras como diz Coralina (2013). Assim também, entender como a velhice é percebida e divulgada pela sociedade e compreender as ações, comportamentos e sentimentos para com as mesmas por parte dos indivíduos que compõem essa estrutura social. Assim, esses saberes tecidos na luta do viver cotidiano, que emergem desse processo criativo, do texto da vida, nos instiga a perguntar que aprendizados são esses, como emergem, que implicações propagam. Dessa forma, para tanto, nos debruçamos sobre poemas de Cora Coralina, como *Todas as vidas*, *Das pedras* e *Saber viver*, assim como consideramos as narrativas de mulheres idosas de Ibicoara (BA), colhidas através de conversas informais, rodas de conversa e encontros promovidos por pesquisa de campo para isso direcionada. Para nos auxiliar nesse

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Campus II/ Alagoinhas, mariselaroc@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus II/ Alagoinhas. jailmapedreira@uol.com.br.

propósito reflexivo contamos com autoras e autores que discutem categorias como identidade, memória, gênero, geração, subalternização, saber/experiência, por exemplo. Dentro desse campo citamos Bosi (1994), Hall (2015), Moreira (2016), Mota (2011), Pereira e Silva (2020), Spivak (2010), entre tantos outros. Assim, esperamos, expandir a discussão sobre saberes subalternizados e sujeitos da criação, considerando os modos de fala, de vida e de produzir conhecimentos, de mulheres idosas, enfocando as perspectivas que apontam, bem como os impasses que continuam subalternizando essas sujeitas e suas produções. *Palavras-Chave*: Mulheres idosas. Memórias. Invisibilidade. Protagonismo.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado,  
acocorada ao pé do borralho, olhando para o fogo.  
Vive dentro de mim a mulher cozinheira.  
Pimenta e cebola. Quitute bem feito. Panela de barro.  
Vive dentro de mim a mulher do povo.  
Sem preconceitos, de casca-grossa, de chinelinha e filharada.  
Vive dentro de mim a mulher roceira.  
Trabalhadeira. Madrugadeira. Analfabeta. De pé no chão.  
Vive dentro de mim a mulher da vida.  
Fingindo ser alegre seu triste fado.  
Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida — a vida mera das obscuras!  
**Cora Coralina, 2003**

Recorremos à Cora Coralina (2003) para iniciar esta consideração, com trechos de seu poema, *“Todas as vidas”*, onde ela refletiu bem “a alma feminina” e fortaleceu a importância das memórias que as sujeitas carregam ao longo da vida.

Assim são as mulheres da comunidade Brejos dos Aguiar, que buscam recuperar suas histórias, tornando personagem dessa narrativa “a casa” que se projeta enquanto um elo entre o presente

e o passado, trazendo cenas de um tempo distante, de vivências passadas, circunstâncias de gerações e gerações.

A presente pesquisa buscou refletir sobre as memórias, histórias e os saberes apresentados tanto por Cora Coralina (2003) em sua produção literária, como pelas mulheres idosas, da comunidade de Ibicoara (BA), quando inseridas nos espaços sociopolíticos, econômicos e culturais e a fim de entender como se dão suas relações sociais, que se encontram em permanente transformação no âmbito da estrutura familiar e das intervenções dos meios de produção agrícola. Assim também como identificar e conhecer os saberes e os fazeres dessas mulheres sujeitas da pesquisa e apresentar algumas narrativas sobre suas vidas, ao passo que se desenham novas relações estabelecidas por elas, contribuindo para a emancipação das mesmas.

O percurso desta pesquisa iniciou-se ao observar as mulheres que caminhavam ao nosso lado, onde o nosso olhar saiu do meditativo e foi se transformando, percebendo uma textualidade, que se mostrava, através de um processo que se tornou investigativo. Assim, procuramos selecionar quatro mulheres dessa comunidade, que se destacam, entre outros fazeres, pela produção de café. Portanto, essas mulheres eleitas, considerando os parâmetros éticos de pesquisa, serão denominadas aqui por nomes de grãos de café, visto ser um artefato que elas tanto manuseiam, gostam e produzem. Os nossos nomes ilustrativos para as sujeitas da reflexão serão: Arábica, Bourbon, Kona e Catuai (Tipos de grãos de café).

Nessa linha, começamos a nos perguntar: quem são essas mulheres? Como viviam e vivem hoje? Quais as suas lutas? Como era o dia a dia delas e como elas transformaram a sua rotina? O que as mantêm unidas e perseverantes na condução da família?

Perante esses questionamentos, outros foram aparecendo, como encontrar essas respostas? Que percurso investigativo percorrer?

Começamos a perceber que os traços cotidianos de suas vidas, relatados por elas, apresentavam um conhecimento de si e da sociedade importante, apontando para uma rachadura na identidade construída de forma naturalizada para mulheres. Assim, com suas formas de viver e transgredir, formas de trabalho cotidiano, iam desenhando uma sociedade solidária, com a marca delas, do seu fazer e do seu reconhecimento como mulheres camponesas.

Dessa forma, nos debruçando sobre os poemas de Cora Coralina, como “Todas as vidas”, “Das pedras” e “Saber viver”, assim como consideramos as narrativas de mulheres idosas dos Brejos dos Aguiar/Ibicoara-BA, colhidas através de conversas enquanto caminho metodológico de pesquisa com os cotidianos, em que o mais importante nessa caminhada é o próprio movimento. Ribeiro, Souza, Sampaio (2018), sob diferentes pontos de vista, tecem elogio a esta nova possibilidade metodológica e a propõem como linha de fuga às normativas científicas erguidas na Modernidade e sustentadas pelas premissas da apreensão da realidade e da busca por verdades absolutas. É possível constatar que a utilização da conversa permite uma postura mais dialógica em que nos faz pensar em nossa formação e prática, e, assim, (trans)formar a nós mesmas e nosso cotidiano. Os autores apresentam essa nova proposta metodológica como algo mais profundo que uma entrevista quando se pretende pesquisar no/com cotidiano.

Assim, procuramos dialogar sobre alguns temas que se entrelaçam no cotidiano camponês e nas experiências vividas: gênero e envelhecimento, história de vida, memória, narrativas, a invisibilidade e o protagonismo de mulheres idosas, que vivem na roça. Com isso, construímos um caminho reflexivo que nos chama

a ouvir essas mulheres e perceber seu movimento micropolítico, desconstruindo uma identidade naturalizada para elas, pautada em um modelo patriarcal, assim como um modo de vida capitalista. As conversas das senhorinhas, então, aquecem nosso coração e razão, apontando não só a necessidade de políticas públicas mais ativas, como também pistas para uma caminhada humana mais solidaria, dialogada, mais autônoma, mais emancipada. Uma conversa sempre acompanhada de um bom café.

### **A IDENTIDADE PULSANTE NOS POEMAS DE CORA CORALINA — TODAS AS VIDAS, DAS PEDRAS E SABER VIVER**

*Todas as Vidas* é um dos poemas mais celebrados de Cora Coralina. Ao longo dos versos vemos a questão da identidade como um dos norteadores da lírica da poetiza goiana, onde observamos também como as imagens do cotidiano e os pequenos objetos são elencados ao longo dos versos o que ajuda na caracterização das personagens que o eu-lírico deseja ilustrar. A chinelinha, por exemplo, é um símbolo da mulher do povo que nos auxilia a visualizar com mais precisão essa personagem.

Ao falar da sua própria identidade, Cora Coralina (2003) acaba abordando a complexa identidade das mulheres que viveram entre o final do século XIX e o princípio do século XX no Brasil. Criadas para serem esposas e mães e muitas que abandonaram a escola (como o caso de Cora, que cursou apenas até a terceira série do curso primário) e ficaram inteiramente voltadas para a vida familiar. E assim como Cora Coralina, as mulheres velhas da comunidade, também precisaram deixar de estudar, umas para casar, outras ficaram solteiras para ajudar a cuidar dos pais, dos sobrinhos ou como revela uma delas (*Kona*) “*por ser muito atentada*” nenhum rapaz quis se casar com ela.

Assim como traz o poema, vive dentro delas também a cozinheira que se preocupa com o cuidado com o alimento para a família, fazer quitutes para todos que chegam nas suas casas.

Em *Todas as Vidas*, vemos que as mulheres vão muito além daquilo que havia sido planejado para elas. Alda Motta (2005) cita que na maioria das vezes, se associa à velhice, apenas aspectos negativos, como dependência, doença, acomodação, inutilidade, dentre outros. E isso, nos possibilita pensar ainda segundo a autora que seus significados perpassam a ideia de velhice como algo natural, como um evento parte da vida, que só não fica velho quem morre: E como falou uma das senhoras da comunidade “*Sou idosa e assumo a minha idade, eu acho maravilhoso [...] Eu acho que a velhice é normal e natural. Quem não envelhece o que é que acontece?*” (Catuaí).

No poema *Das Pedras*, onde Cora Coralina enfatiza as pedras que caem sobre o sujeito que, em seu cotidiano, encontra desafios estabelecidos pelo contexto social atual. As “pedras” que estiveram/estão presentes no dia a dia das cafeiculturas que precisam ser removidas, pelo modo como essas mulheres foram oprimidas, tendo sempre uma figura de autoridade, muitas vezes masculina, para determinar sobre sua vida segundo Pereira e Silva (2020). E, para elas o envelhecimento/velhice se tornou a possibilidade de efetivação da liberdade e autonomia, como elas nos sugerem e demonstram que não se preocupam com o envelhecer, que para elas envelhecer está sendo ótimo, o que consideramos uma pedrada no capitalismo, pois elas lutam contra tudo o que é prejudicial à saúde delas e de todos da comunidade, quando se preocupam com a terra, com as plantas, com o cuidado com a agricultura familiar, tudo contra o agronegócio.

Essas mulheres, que quase diariamente, vão removendo “*pedras do caminho*” e, num movimento de transformação, vão modificando as “*duras e rudes pedras*”, esculpindo-as, lapidando-

as e organizando-as em degraus de ascensão, de mudança, de construção de um novo paradigma, de transformação social, certamente, dos que fazem parte da comunidade.

E por fim, vemos no poema *“Saber viver”*, uma lição de vida onde expressa que o sentido da vida está no contato com as demais pessoas e com o seu coletivo.

Nos trechos: *“Não sei... Se a vida é curta / Ou longa demais pra nós, / Mas sei que nada do que vivemos/ Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas”*, Cora expressa que, embora a vida seja finita, o que vale, no final das contas, é a presença na vida dos demais que se configura como importante e necessária.

Para Cora Coralina (2006), o amor prevalece e se instaura em momentos que são finitos e mortais, como a vida. Ele é lembrado e cultivado, sendo um dos maiores sentimentos a ser disseminado no mundo. Assim como para as mulheres da comunidade que se dedicam a todos/todas com afinco e determinação, viver exige intensidade, vontade e amor.

E essa relação social que é permeada por esse cuidado, onde elas trabalham essa relação através das conversas que transformam. Esse modo de vida que escolheram ou foi imposto pelas circunstâncias, pois mesmo que elas não estudaram, elas estão lutando para reabrir a escola que vai beneficiar toda a comunidade, demonstrando um saber político.

## **GÊNERO E ENVELHECIMENTO-MODOS DE LER, VER E DE VIVER NO ESPAÇO RURAL**

Não sei... Se a vida é curta Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.  
Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe, Braço que envolve,  
Palavra que conforta, Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia, Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia, Desejo que sacia,  
Amor que promove.  
E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida...Verdadeira, pura... Enquanto durar  
***Cora Coralina, 2006***

Nos versos do poema *Saber Viver*, é usada a linguagem coloquial para nos indicar caminhos possíveis em busca de uma vida mais rica e significativa. Escrito em primeira pessoa, o eu lírico é o de uma mulher sábia e vivida que revela algumas atitudes que podem fazer toda a diferença na vida das pessoas.

A temática do envelhecimento nas obras de Cora Coralina, expõe como a poetisa traz para sua obra as histórias que viveu, observou, ouviu. Ela nos deixou uma obra cheia de elementos importantíssimos para serem analisados, observados e desbravados de forma atemporal e que, constantemente, são revisitados à luz da temática da memória, da identidade feminina e do tom patriarcal. Aprofundar sobre o assunto trouxe, também, certa reflexão de como compreender as pessoas idosas nessa fase da vida, já que se trata de algo tão natural que qualquer ser humano pode passar. Dessa forma, durante a nossa pesquisa, tornou-se interessante saber um pouco mais sobre a vida da autora para entender a forma a qual ela trata o assunto, já que suas poesias são consideradas autobiográficas.

E assim, verificamos que a questão do envelhecimento populacional no Brasil é um fato que vem sendo discutido e problematizado, enquanto uma questão de ordem pública que passou a fazer parte do cotidiano de indivíduos e países inteiros. Mediante tal fenômeno, o tema em questão é discutido consideravelmente, bem como a correlação do fator envelhecimento com outros temas relevantes, como modernidade,

sociabilidade, conflitos, espaços sociais de convivência, violência, questões de gênero, raça, classe social, mundo do trabalho, enfim, há uma gama de conexões entre os referidos temas (DEBERT, 2004).

Essa nova conjuntura da população rural, aos poucos, vai se tornando um desafio no que diz respeito à concretude da reprodução da vida, da produção de alimentos e da organização popular. Ao mesmo tempo, também pode ser inspiradora de novas perspectivas, visto que, segundo pesquisas, por exemplo, geralmente as/os idosas/os possuem um grau de satisfação maior quando seus vínculos sociais são mais amplos do que as relações familiares.

Verificamos, no espaço rural, várias práticas de vida tradicionais em meio a costumes ditos modernos. A urbanização do campo revela modos e hábitos representativos da vida moderna, juntamente com formas tipicamente rurais, como o preparo do alimento no fogão à lenha; o godó (comida feita de banana típica da região da Chapada Diamantina); a torra do café feita na bola no fogão à lenha; a mobilização em torno da festa do padroeiro; e por aí não para.

Ao mesmo tempo em que há a preservação desses afazeres, observamos, contudo, o investimento no consumo de aparelhos como televisão, telefone celular, num cotidiano, onde aos domingos a família e amigos das redondezas se reúnem na beira do fogão à lenha para contar “causos” e “estórias” e discutir sobre os políticos que vem cheios de promessas para melhoria de vida dessa população.

Assim, a sociedade mais ampla fica distante de uma realidade bem particular, cujo significado da velhice é uma incógnita frente a um cenário de constantes mudanças. Diante desse desconhecimento, permanece no imaginário social uma

visão estereotipada acerca do que é ser idosa/o no campo, prevalecendo concepções estigmatizadas. Então, partindo, da curiosidade sobre o que é envelhecer no meio rural, é pertinente contextualizar essas realidades sociais e como são compreendidas as formas de vida e o significado da velhice, suas práticas e representações frente a um tempo de intensas mudanças. E com isso, trazemos as palavras de Wanderley (2008), que diz que as particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas são as que recortam uma realidade própria. Nesse sentido, nos colocamos a ouvir histórias de mulheres rurais, buscando observar como as suas particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas vão desenhando uma realidade.

## **MEMÓRIAS DAS MULHERES IDOSAS-NARRATIVAS QUE ACALENTAM O CORAÇÃO**

Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim  
Levantei uma escada muito alta e no alto subi  
Entre pedras cresceu a minha poesia  
Minha vida, Quebrando pedras e plantando flores  
Entre pedras que me esmagavam  
Levantei a pedra rude dos meus versos.  
*Cora Coralina, 2003*

Ao ouvir as narrativas das mulheres, destacamos que as pesquisas mostram que para as/os idosas/os o círculo de amigas/os, comparado à vivência em família, tem representado maior satisfação de vida na velhice. Dessa forma, a organização de mulheres pode ser um fator importante para essa faixa etária, pois as mulheres idosas continuam fazendo uma luta silenciosa (e muitas vezes não vista pelo conjunto da sociedade), de resistência ao modelo capitalista no campo, pois vêm preservando e reproduzindo saberes populares na produção de alimentos, ainda

que muitas vezes lhes faltem as forças para longas caminhadas e trabalhos mais pesados.

Falamos dos saberes culturais construídos nas práticas sociais cotidianas de mulheres velhas da comunidade Brejos dos Aguiar. Saberes que resultam de um acentuado processo de interação sócio-histórico-cultural produzido no convívio social e suas práticas cotidianas, materializadas no trabalho, na arte de produzir um café artesanal, no cuidado com a saúde, na luta pela reabertura da escola na comunidade, na religiosidade, no lazer/diversão, na forma de produzir e conseguir seus alimentos as hortas da agricultura familiar (OLIVEIRA, 2008).

Saberes provenientes das experiências e sua relação de trabalho e cuidado com a terra, bem como a sua vinculação com a comunidade, populações e culturas locais (BHABHA, 2013). Saberes experienciais adquiridos no fazer cotidiano de homens e mulheres que, como seres da práxis, tornam-se atrizes sociais e sujeitos “de práticas rotineiras de resistências”, construtoras de seus projetos de vida e tecedoras de representações sobre o mundo vivenciado (BONDIA, 2002).

Sujeitas construtoras de uma lógica de pensar a realidade social oriunda do processo de relação dialética com o mundo (OLIVEIRA, 2008, p. 19). E quais as lições que Cora Coralina nos dá sobre **saber viver**? O que é viver bem? Ela dizia que não tinha medo dos anos e não pensava em velhice. Nunca falava que estava envelhecendo ou ficando velha. Falava que procurava sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso a ajuda a vencer as dificuldades da vida.

Extraídas de anotações e gravações obtidas durante diversos momentos de reuniões da associação de produtores rurais, rodas de conversas, almoços de domingo, café da tarde, colheita, torra e moagem do café, organização dos festejos do padroeiro da

comunidade, São Francisco, as narrativas das mulheres idosas permitem-nos tecer algumas considerações importantes sobre memória, gênero e trabalho, mais especificamente sobre os modos de vidas que vão construindo, resistindo a certas práticas e identidades culturais impostas.

É importante pontuar que mesmo sendo a vida rural cheia de limitações, percebemos no discurso das entrevistadas, a preocupação em aprender uma atividade, em movimentar-se de alguma maneira. Havia também uma preocupação com educação, pois a vida na roça não propiciava um nível de estudo maior e por isso nenhuma delas estudou. Vejamos o depoimento a seguir:

Eu sou nascida no ano de 1945, fui criada junto com meus irmãos na roça, ajudando o pai nas labutas da roça. Eu era encarregada de ajudar na casa de farinha naquela época e levava o café pra quem estava lá ajudando a descascar a mandioca. Eu gostava de me esconder de noite atrás da casa de farinha e me embrulhava num lençol branco e assustava as pessoas que passavam na estrada. Oh tempo bom. Mas como eu era muito atentada e ficava pirraçando acabei não casando por que os rapazes diziam que eu não servia para ser dona de casa e mãe de família. Acabei ficando velha e não consegui casar. Acabei solteira e dou graças a Deus por isso, já viajei um bocado, fui em muitas festas e ajudei na criação dos meus sobrinhos quando a minha irmã mais velha morreu [...] Sempre trabalhei na roça e tirei o meu sustento de lá, antes só plantava café, mas hoje a nossa roça variou, temos banana, abacate, horta, manga, mas só fui ter um dinheiro seguro mesmo quando aposentei, mesmo que pouquin (Kona, 77 anos, aposentada rural).

Percebemos na narrativa dessa entrevistada que ela pensa que o seu comportamento determinou não ter conseguido casar. O que naquela época era questão de desonra para a família. Até hoje ela trabalha na roça, está tratando de um CA de pele e muito disposta a narrar suas histórias.

Um outro dado importante é que cada vez mais se faz necessário potencializar a ajuda e o mutirão para o trabalho no campo, visto que, com o processo de envelhecimento, o corpo vai perdendo a força e a elasticidade, logo, o trabalho individual no campo vai se tornando mais difícil. No caso de Kona, os sobrinhos a ajudam no cuidado com a roça de café e a horta. Assim, são resgatados sentimentos de solidariedade, devido à importância-cada vez maior-das redes de relações de parentesco e vizinhança e intergeracionais. Estudos apontam, inclusive, para uma grande satisfação das/os idosas/os que permanecem de alguma forma vinculados/as ao trabalho que desenvolviam anteriormente.

Eu tb não casei, por que não quis mesmo. Fui ajudar minha mãe a criar os filhos da minha irmã que faleceu de câncer. E eu sempre fui muito tímida, mas gosto de fazer amizades e que venham tomar um café aqui em casa. Eu mesma torro e faço a moagem do café. Adoro fazer um biscoito frito... Minha sobrinha teve um câncer de útero e estava grávida e eu acabei criando a filha dela que nasceu com problemas na cabeça. Minha sobrinha melhorou e teve mais outros filhos... Eu gosto de ter todos os sobrinhos e amigos no domingo na minha casa para almoçar... Quando conseguimos colocar internet aqui na comunidade, minha vizinha que é professora me deu um celular para que pudéssemos nos falar e me ensinou a usar o zap. Mas eu só sei enviar áudio, pois sei escrever pouquinho. Eu gosto muito de ir na Igreja que temos na nossa comunidade, o nosso padroeiro é São Francisco. Aos sábados levo o almoço para o médico e a enfermeira que vem na escola que está fechada para atender o povo da comunidade e vacinar. A nossa comunidade era só de pessoas da família, mas de uns 15 anos pra cá vieram umas 3 famílias pra morar e trabalhar nas terras que eram nossas e nós vendemos pra eles. Foi muito bom pois aprendemos muitas coisas, principalmente a abandonar os venenos que jogávamos nas prantas. Meus irmãos é que sempre trabalharam na roça e eu dentro de casa, mas tem uns anos que aposentei e passei a ter um dinheiro meu (Arábica, 67 anos, aposentada rural).

Goldani (1999) reforça a argumentação que homens e mulheres vivem de formas diferentes, portanto, ao envelhecer, também apresentam características diferenciadas. Fatores sociais e genéticos como: gênero, raça, classe social, situação conjugal e cuidados prévios com a saúde, possibilitam às/aos idosas/os envelhecimentos específicos. Uma característica importante e que deve ser considerada é que a mulher brasileira não teve, em muitos casos ao longo de sua vida, trabalho remunerado, noutros, essa mulher era trabalhadora doméstica ou rural, deixando de ter garantida a sua aposentadoria.

Nunca ninguém me perguntou sobre minha vida, mas estou até gostando de falar, sou muito calada, só sei trabalhar em casa e ajudar a cuidar dos meus netos. Tive 6 filhos, 5 homens e uma mulher. E hoje estou com 09 netos... Meu marido ainda trabalha na roça mesmo que já está aposentado. Não aguenta muita coisa, mas os filhos ajudam a cuidar da roça. As galinhas e os porquinhos eu que cuido. E a horta de ervas medicinais que minha vizinha me ajudou a fazer eu cuido também. Sempre temos um frango caipira para comer com o godó aos domingos na casa de Arábica lá nos juntamos todos, meus filhos e netos não vão lá em casa sem antes passar na casa de Arábica e Kona. Nós somos muito unidas. E ainda temos um único irmão homem vivo, Café, que mora com Arábica e Kona. As terras dos nossos irmãos que morreram foram vendidas para pessoas de fora, mas gostamos muito dos nossos vizinhos que sempre almoçam com a gente. Vemos fotos, contamos histórias, falamos de política, por que temos um irmão metido a político kkkkk... Temos sobrinhas professoras, outras que trabalham na igreja e temos uma sobrinha neta que trabalha de guia nas cachoeiras... (Catuaí, 79 anos, aposentada rural).

Debert (2004) aponta que, classificar os indivíduos por períodos etários, é algo importante em diferentes sociedades, pois identifica as diferentes formas de sociabilidade dos indivíduos nos contextos sociais distintos. Os estudos contemporâneos permitem

novos recortes de pesquisa e a diferenciação por idade é também uma questão de organização social. A autora formulou a expressão nos cursos da vida, que serve para caracterizar etapas mediadoras entre a idade adulta e a velhice, tais como a meia-idade, a terceira idade e a aposentadoria ativa. Essas fases são características das sociedades modernas e geram demandas, atores políticos e mercados de consumo específicos.

Observamos que para Bosi (1994), por meio da memória, os “velhos” — termo utilizado pela autora em toda obra — passam horas e horas falando de suas lembranças. Para ela, seria necessário um escutador infinito, já que lembrança puxa lembrança e algumas falas foram realizadas fora do momento da entrevista, em conversas informais, durante o cafezinho, no jardim, no portão, enfim salienta que ao serem instigados para falar sobre passado os indivíduos buscam mais e mais lembranças em suas memórias.

Fica clara nas narrativas a relação da memória e trabalho, bem como a da memória e gênero, visto que, à mulher, eram reservados alguns postos ou obrigações, como o de ser mãe, esposa e dona de casa. A morte são fatores de extrema relevância para alterar essa lógica. As mulheres tiveram que assumir novos papéis, aprender novo ofício, sustentar a si mesma, aos sobrinhos que criavam, tomar as rédeas, aprender a tomar decisões até por um tipo de atividade que lhe proporcionasse renda (MORAES, 2003).

Eu gosto de trabalhar na roça até hoje, mesmo que minhas irmãs digam que estou velha para isso, pois tenho 73 anos. Mas me sinto bem para trabalhar. Meu marido também trabalha na roça. Nois cuida da roça de café e fazemos tudo... Tenho uma filha que se formou professora, mas não ensina por que o antigo prefeito fechou a escola aqui da comunidade, temos lutado muito para que se abra de novo. O marido da minha filha foi embora, bebia muito e falou que estava depressivo... eles tem um filho de 10 anos. Só tenho

ele de neto, mas me ajuda muito em casa e na roça. Milha filha também trabalha na roça. Queria tanto que ela voltasse a ensinar, pra isso ela formou. Casei bem velha, por que meu pai não deixava ir nas festas. Só achei namorado quando fugi um dia com Kona para ir numa festa na cidade e tinha uns rapazes de outra cidade lá. Mas meu pai só deixou casar se ele viesse morar na comunidade. Filha dele não podia morar longe da família (Bourbon, 73 anos, aposentada rural).

Analisamos como Bosi (1994) resgata Walter Benjamin, pontuando o papel que assume o narrador. De acordo com Benjamin, o narrador conta o que ele tira da experiência — sua própria ou aquela contada por outras pessoas. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. Ela traz também o trabalho de Henri Bergson, ao afirmar que, na realidade, não existe percepção que não esteja impregnada de lembranças. Parece-nos então que a memória surge como um instrumento eficaz para fazer história, fazer ciência, colocar os indivíduos em contato com sua vida passada, resgatar ideias, ideais, valores, tudo porque Bosi (1994) defende a tese que as histórias dos personagens que compõem sua obra mostram sua função social exercida durante a vida, e que estas, fazem parte da memória dos “velhos”. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam e viveram outras experiências.

As memórias dessas mulheres vão nos mostrando como vivenciaram certos regimes impostos para as mulheres, vão desenhando, através das narrativas próprias delas, um discurso próprio, uma análise de si, uma afirmação do que fizeram ou não fizeram, uma denúncia de opressões, mas também as transgressões que fizeram. Vão, com isso, partilhando suas histórias, produzindo um conhecimento sobre a vida e nos fazendo refletir sobre nossa experiência de vida também.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS — UM CAFEZINHO COM PROSA

É imprescindível ressaltar que as políticas públicas que buscam atender a população idosa possuem, na grande maioria das vezes, muito mais um caráter assistencialista, deixando de lado questões como as formas de convivência social, o não se sentir útil, as novas configurações de família, de gênero, ou seja, não há uma preocupação real com os meios de subsistência, obtenção de renda, desses indivíduos.

Por isso, discutir mulher e campo, nos dias atuais, nos leva a dialogar com o tema do envelhecimento, isso porque vivemos em uma realidade em que, comparada a outras décadas, apresenta uma pequena porcentagem de famílias residindo no meio rural que, em sua maioria, têm sido compostas por idosas/os e por homens mais jovens. A articulação desse tema com as narrativas das vivências, memórias e trajetórias se constitui a partir do reconhecimento de que as pessoas são fruto de uma história social, de acontecimentos e de determinado contexto, portanto, carregadas de experiências e memórias históricas.

E assim, foi possível perceber também que as mulheres idosas entrevistadas, em geral, falam pouco sobre a infância e juventude, dando destaque a aspectos e fatos de suas vidas que ocorreram depois do casamento (Bourbon e Catuaí). Ao narrar aspectos de suas vivências passadas, as mulheres entrevistadas foram se descobrindo, se posicionando, se resignificando, interpretando seu próprio passado (Arábica e Kona). Portanto, quando no fluir histórico os detalhes circunscritos às privacidades do indivíduo pouco a pouco transitam o terreno da vida social sob a forma de narrativas de vida, vemos as escritas de si gradativamente ascender a novos horizontes de contemplação e resignificação, permitindo o reconhecimento de um valor (auto)biográfico em percepção estética.

Nunca é demais ressaltar que o trabalho dessas mulheres, na roça e em casa, embora árduo e imprescindível, era considerado “invisível” pelo fato de não ser considerado produtivo, ou, caracterizado como “parte integrante das atribuições naturais da mulher”. As tarefas cotidianas realizadas pelas mulheres no serviço da casa eram ainda mais pesadas do que atualmente, porque as casas não contavam com eletricidade, gás e água encanada.

Assim, Federici (2021) declara constantemente que o trabalho doméstico e o trabalho de cuidados, desvalorizado e atribuído somente a umas pessoas, fazem parte da lógica do capitalismo, não são apenas uma assistência pessoal, sendo contundente quando afirma que “o que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago”, do qual o sistema capitalista necessita para continuar se reproduzindo. A autora busca teorizar e politizar sobre a questão do trabalho doméstico, pois entende que a luta por visibilidade para esta categoria faz toda a diferença no entendimento das mulheres sobre seus corpos, suas decisões e seus lares, mas também traz luz a uma causa que a classe trabalhadora como um todo precisa levar em consideração ao se posicionar em um embate anticapitalista.

Acreditamos que, ao ouvir as narrativas produzidas por essas mulheres, podemos, como observaram os pesquisadores Giard, Mayol e Certeau (2008, p. 222), escutar a voz de mulheres na sua linguagem, as quais falam de suas experiências e lembranças pessoais: falam daquilo que, comumente, ninguém quer ouvi-las falar, ninguém lhes dá atenção. Assim se pode aprender delas e só delas como se representam seu papel e sua competência, se elas dão importância ao seu saber-fazer e como elas investem para encontrar uma maneira pessoal de cumprir uma tarefa imposta, efetivando o jogo subalterno, como destaca a pesquisadora de mulheres sertanejas, Jailma Moreira (2016) quando se debruça

sobre o movimento de mulheres feirantes, da cangaceira Maria Bonita e da escritora Rachel de Queiroz.

Pensamos ainda, que ao ouvir as narrativas das histórias de vida dessas mulheres e focalizar suas memórias não estamos simplesmente contando as suas “histórias”, mas buscando trazê-las, através dos seus relatos, de suas vozes, enquanto sujeitos históricos, ativos, e entender as relações sociais no interior das quais viveram e ainda vivem.

Assim, apesar da invisibilidade social que muitas vezes os trabalhos das mulheres tiveram ou ainda possam ter, percebe-se que essas agricultoras, ao rememorar sobre seu passado, ressaltam as diversas responsabilidades no cuidado da casa e da propriedade. Ao lembrarem-se do passado vivido, fragmentos deste passado retornam à memória dessas mulheres. Trabalhar na terra, cuidar da casa, da alimentação e do bem-estar da família, era responsabilidade das mulheres no meio rural. Cada uma delas, à sua maneira, contribui, com base em suas experiências e vivências no meio rural, e por meio de seus relatos, a compor a sua história de vida. Uma história única, mas que traz elementos em comum com muitas mulheres. Cada uma com suas particularidades.

E vimos que ao ir desbravando os poemas de Cora Coralina, observamos a emoção que ela coloca em seus versos, uma sensibilidade que pode ser sentida no mais profundo da alma, ao mesmo tempo que é sensível, traz também uma força inabalável, se preparando a vida inteira por uma velhice saudável e feliz, que seria sentida por seus leitores. Percebemos o quão importante é resgatar as memórias do passado, a fim de que na velhice, tenhamos histórias para contar aos nossos filhos, netos, bisnetos. Cora Coralina conseguiu fazer isso ao deixar para nós, suas leitoras, um pouco da história do seu passado.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, Volume 1, 7. ed. Editora Brasiliense, 1994. p. 15.
- BHABHA, Homi K. O Saber da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CORALINA, Cora. *Poema dos becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 2003.
- CORALINA, C. *Estórias da casa velha da ponte*. São Paulo: Global, 2006.
- DEBERT, Guita. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo. Edusp; FAPESP, 2004.
- FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo (v.1)*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GIARD, Luce; MAYOL, Pierre; CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GOLDANI, Ana Maria; CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- MORAES, Myriam M. Lins de. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade? 4*. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.
- MOREIRA, Jailma dos S. Pedreira. Sob a luz de Lampião: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas. Salvador: EDUNEB, 2016.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *Pesquisa e relações em Campo – Subjetividades de Gênero e de Geração*. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005. 216p. (Coleção Bahianas; 10).
- OLIVEIRA, I. A. de (Org.). Cartografia de saberes: representações sobre religiosidade em práticas educativas populares. Belém: EDUEPA, 2008.
- PEREIRA, Áurea da. S. e SILVA, Ieda Fátima da S. (Org.) *Envelhecimento: (res) significando vidas e reconhecendo o que é de direito*. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2020.
- PEREIRA, Áurea da. S., GRANGEIRO, Danise; MOREIRA, Jailma dos S. Pedreira. Entrevista com Gabriel Jaime Murillo Arango: memória da profissão docente: passeio pelo campo literário, político e estético. *Pontos de Interrogação*, v. 11, n. 2, jul.-dez., p. 463-485, 2021.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayyu, 2018.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Reencontro com o Nordeste: itinerários de pesquisa e construção do campo intelectual dos estudos rurais. *Estudos de Sociologia*, n. 1, v. 5, 28p, 2008.

